

quando o tempo é
visível além do
relógio



TINHA ALGUMA COISA ALI QUE NÃO CABIA EM MIM. NÃO ME SERVIÁ MAIS.

Precisaria de algumas existências para
vencer a velocidade do eu...



Correr já não faz senti-
do e nem mesmo marcar
tempo faz-se razão.

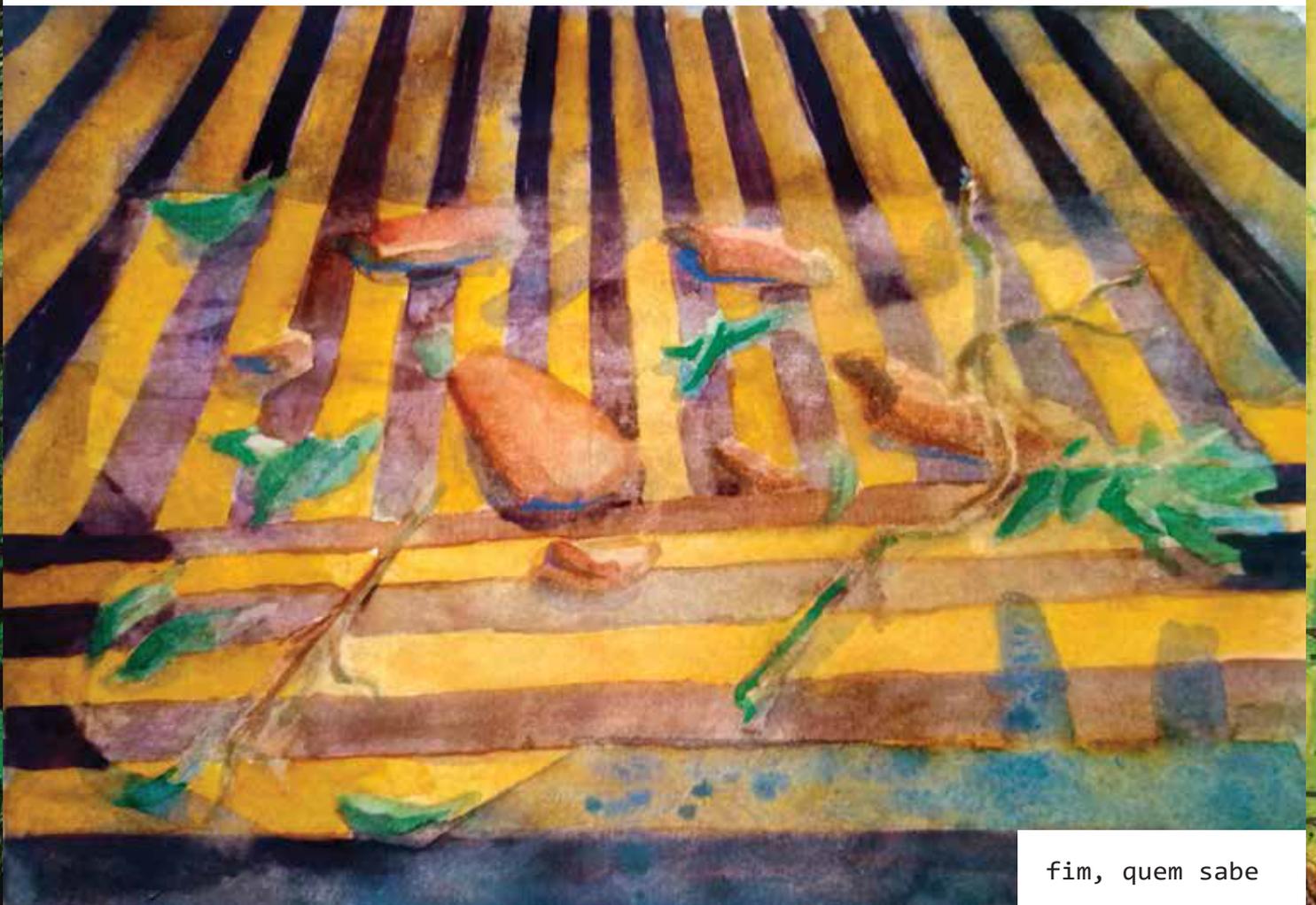
Cada passo pode, sim, ser pensado considerado, mapeado, mas como é bom se perder! Chamam de ruína o que é apenas a natureza se fazendo presente em tempo. Este constante estado de transformação não nos é perceptível.



Afinal, o prédio não é mais a combinação de materiais: tijolo, pedra, cimento. É um retumbante relógio parado. Estando certo, de uma precisão quântica, pelo menos duas vezes por dia.



Porque o nosso tempo visual, marcado em uma única direção, sentido no corpo, é um limitador, e deste estado temos apenas um deslumbre. Estar parado é estar presente, as árvores estão presentes aí, em certos casos há séculos, milênios ou simplesmente dias, muito mais que a gente. Onde lê-se “idade ativa” entenda doente. Parado em si, presente. Pergunta: Você guardou uma lembrança hoje?... já sentiu alegria de estar presente?... fome?... dor?...



fim, quem sabe



ADRIANO MUNIZ (Mairí/Belém)

Criado por várias mulheres e um *Tuba oïmoikó kûatiar* (pai/avô que faz desenhar) e que hoje é um desenhador que estudou no CEFET-PA (IFPA), Artes Visuais na UFPA e além de tudo estuda a medula neurológica geográfica que, este, ocupa no país entre Belém - Salvador. Pintor, escritor e quem sabe estudante de Nheengatu.

